

## **A PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA NA ÁREA DA GERONTOLOGIA : (1975-1999)**

*Lucila L. Goldstein*

### **1. INTRODUÇÃO**

A velhice e o envelhecimento têm estado em pauta desde a antiguidade, através de obras literárias e tratados eruditos, como por exemplo a obra *De Senectute*, de Cícero, escrita a cerca de 2000 anos. Foi porém somente neste século que vimos a emergência e a consolidação do estudo sistemático do envelhecimento, através da Gerontologia.

No entanto, se vemos hoje, especialmente o Exterior, um grande florescimento no estudo do envelhecimento, entre 1900 e 1940 pouco se pesquisou sobre vida adulta e velhice. Na verdade, esses foram anos em que os estudos sobre a criança estiveram em grande expansão, com a estruturação de teorias que se mantêm influentes até os dias de hoje e a realização de um grande número de pesquisas normativas, cujos dados deram grande impulso à área (BIRREN e BIRREN, 1990). Quanto aos anos mais avançados da vida adulta, continuou-se investindo e fortalecendo pressupostos estabelecidos desde o século XIX, que diziam respeito à estagnação do desenvolvimento nesse período e ao caráter involutivo da velhice.

Em 1922 Stanley Hall publicou o livro *Senescence, the last half of life*, no qual contradiz a crença de que a velhice é simplesmente o reverso da adolescência, e contra-argumenta que, além das peculiaridades existentes no modo de pensar, sentir e querer dos jovens e dos idosos, haveriam variações individuais independentes das diferenças etárias. Embora possa ser considerada como a primeira grande monografia sobre velhice escrita por um cientista social, esse livro de Hall não gerou uma resposta rápida. A pesquisa em larga escala só se iniciaria nos anos 50.

Em 1946 foram fundadas a Gerontological Society of America, a American Geriatric Association e a Division of Maturity and Old Age da American Psychological Association, fatos indicativos de um aumento do interesse sistemático pela velhice, que já antecipava o envelhecimento populacional que os Estados Unidos viriam a sofrer nas décadas seguintes.

A partir dos anos 50, além dos Estados Unidos, vários países europeus, como a França, a Inglaterra e a Alemanha, começaram a vivenciar o processo de transição demográfica, com aumento na proporção de pessoas idosas em suas populações e um declínio na proporção de pessoas mais jovens. Como consequência disso houve uma intensificação nos esforços de pesquisa na área do envelhecimento, ao mesmo tempo que a sociedade passou a interessar-se cada vez mais por encontrar soluções para os problemas individuais e coletivos emergentes nas áreas de saúde, educação e seguridade social. Os primeiros dados de pesquisa se originaram dos estudos longitudinais em andamento e os sujeitos, anteriormente crianças e jovens trouxeram informações sobre a vida adulta e a velhice. As pesquisas transversais concentravam-se, principalmente, em temas típicos da chamada *meia-idade*. Preponderaram investigações sobre temas femininos como climatério, saída dos filhos de casa, depressão e aposentadoria do cônjuge, coadjuvados por assuntos que dizem respeito ao bem estar de ambos os sexos, tais como satisfação na velhice, relações familiares, identidade, auto-estima, auto-conceito, senso de controle, dentre outros sugeridos pelo cotidiano das pessoas mais velhas. À medida que a população idosa aumentava, gerando uma crescente pressão nas instituições sociais, aumentaram os estudos que buscavam soluções de problemas sociais e individuais dos idosos. Em geral eram pesquisas atóricas, apoiados nas ideologias dominantes de velhice como período de perdas, e de velhice bem sucedida como conquista e responsabilidade individual (NERI, 1997).

Com o aumento da pesquisa e teorização da área, a curiosidade dos estudiosos começou a mover-se em direção à busca do potencial de desenvolvimento da velhice, na perspectiva de otimização das capacidades latentes nessa fase da vida (BALTES, 1994). A nova tendência, embora não hegemônica, passaria a ser mais expressiva, em termos de pesquisa básica, a partir dos anos 80.

## **2. A GERONTOLOGIA NO BRASIL**

O segmento mais idoso da população brasileira sofreu um rápido aumento a partir dos anos 60, quando começou a crescer em ritmo bem mais acelerado do que as populações adulta e jovem. De 1970 até hoje, o peso da população idosa sobre a população total passou de 3% para 8% e esse percentual deve dobrar nos próximos vinte anos. Devido à redução nas taxas de natalidade, da ordem de 35,5% nos últimos 15 anos, e o aumento da expectativa de

---

vida por ocasião do nascimento, que passou de 61,7 anos em 1980 para 69 anos nos dias atuais, a base da pirâmide populacional vem se estreitando nas últimas décadas. E existe ainda a expectativa de uma intensificação desse processo de envelhecimento populacional. Estima-se que a partir de meados do próximo século, a população brasileira com mais de 60 anos será maior que a de crianças e adolescentes com 14 anos ou menos.

Essa temática provocou uma preocupação generalizada em diversos segmentos profissionais e fez com que, nos últimos anos, proliferassem no Brasil os programas e associações destinados aos idosos, como o movimento dos aposentados, os movimentos assistenciais e os sócio-culturais. Os programas que mais se destacam são os promovidos pelo SESC - Serviço Social do Comércio e pelas Universidades da Terceira Idade. Consolidaram-se também associações de profissionais que atendem à população idosa como a ANG, Associação Nacional de Gerontologia e a SBGG, Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia que se constitui uma importante fonte de informação científica através de seus congressos nacionais, estaduais e de eventos regionais.

Em razão da visibilidade alcançada pelos idosos nos últimos anos, e graças aos esforços de organização dos profissionais dedicados à essa área de atuação através de núcleos de estudo e pesquisa, os estudos teóricos e empíricos na área do envelhecimento estão começando a florescer no Brasil.

A primeira iniciativa realizada com o intuito de formar especialistas para trabalhar com idosos foi do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo. A partir de 1990, começaram a surgir em vários estados, cursos de pós graduação lato sensu em gerontologia, recebendo principalmente profissionais das áreas de Serviço Social, Psicologia e Enfermagem. Nessa mesma época surgiram núcleos ou grupos de estudo e pesquisa como o NEPPE - Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre o Processo do Envelhecimento, do Departamento de Enfermagem da [Universidade Federal de São Paulo](#), e o NEAPE - Núcleo de Estudos Avançados sobre Psicologia do Envelhecimento, do Departamento de Psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas, realizando pesquisa sobre temas relativos à velhice e ao envelhecimento. Em 1997 começa a funcionar o Curso de Pós-Graduação em Gerontologia - Mestrado e Doutorado, da [Faculdade de Educação](#) da [Universidade Estadual de Campinas](#).

Em 1997, Neri realizou uma análise de 36 relatos de pesquisa constantes de teses e dissertações defendidas em programas de pós graduação em psicologia entre os anos

de 1975 e 1996, nas Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas e Pontifícias Universidades Católicas de São Paulo e de Campinas. Nesse trabalho, a autora localizou nos acervos dessas universidades 60 trabalhos sobre velhice, em outras áreas do conhecimento como: enfermagem, saúde pública, fonoaudiologia, sociologia, antropologia, jornalismo, comunicações e propaganda, e que não foram usados em sua análise.

O momento parece então ser bastante adequado para se fazer um levantamento do trabalho científico produzido durante esses últimos 25 anos e se analise com maior cuidado a direção ou direções em que se encaminha a pesquisa gerontológica no Brasil. Nesse trabalho optou-se por utilizar dissertações e teses porque essa literatura lidera a produção científica não apenas pela pressuposição de que traz contribuições inovadoras, como também porque espera-se que elas sejam o alicerce para publicação de comunicações em congressos, artigos e mesmo livros (WITTER, 1998).

### **3. OBJETIVOS**

- Levantamento das teses de doutorado e dissertações de mestrado que focalizam o envelhecimento e a velhice dentro do enfoque gerontológico, nas diversas áreas do conhecimento, realizadas por pesquisadores brasileiros nos últimos 25 anos.
- Análise dessas pesquisas enfocando: tema central da pesquisa, tipo de estudo realizado.

### **4. MÉTODO**

#### **4.1 Material**

O acervo documental pesquisado foi o conjunto de dissertações de mestrado, teses de doutorado e de livre docência defendidas entre os anos de 1975 a 1999, nas principais universidades brasileiras.

#### **4.2 Procedimentos**

As dissertações e teses foram localizadas na base de dados SITE (Serviço de Informações sobre teses), do [IBICT](#) e nos grupos de pesquisa do CNPq. Foram contatadas também, as bibliotecas da [Universidade Federal de Santa Catarina](#), da [Universidade de São](#)

---

[Paulo](#), através do Dedalus, da [Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro](#), da [Pontifícia Universidade Católica de São Paulo](#), da [Universidade Federal do Rio de Janeiro](#), da [Universidade Federal de Minas Gerais](#). Foi realizada ainda pesquisa bibliográfica na [Universidade Estadual de Campinas](#), através do Unibibli e na [Pontifícia Universidade Católica de Campinas](#). Foram usadas as seguintes palavras chaves: envelhecimento, velhice, idosos, velhos, terceira idade e aposentadoria. Foi realizada uma análise dos temas abordados além de divisões quanto as áreas do conhecimento e o tipo de estudo realizado.

### **4.3 Resultados**

Foram localizados 232 trabalhos realizados por pesquisadores brasileiros: 188 dissertações de mestrado, 39 teses de doutorado, e 5 teses de livre docência, sendo que 3 teses de doutorado e duas dissertações de mestrado foram realizadas por pesquisadores brasileiros em Universidades do exterior e as outras em Universidades brasileiras.

Entre 1975 e 1979, foram publicados 9 trabalhos: 7 dissertações, 1 tese de doutorado e 2 de livre docência. Entre 80 e 84 foram publicadas 11 dissertações de mestrado e uma tese de livre docência. De 85 a 89, 26 dissertações, 4 teses de doutorado e 1 de livre docência. De 90 a 94 houve um aumento substantivo no número de trabalhos: 57 dissertações e 15 teses de doutorado, e de 95 até agora pudemos encontrar 56 dissertações, 16 teses de doutorado e uma de livre docência. No entanto percebe-se que as publicações de 98 ainda não estão disponíveis em sua totalidade e dos trabalhos publicados em 99, só pudemos encontrar 6, o que certamente não traduz a realidade. Se fizermos uma projeção, baseado no crescimento dos últimos anos, a produção real deverá estar entre 280 a 300 trabalhos.

Quanto à área do conhecimento - Os estudos do envelhecimento no Brasil começaram nas áreas da psicologia, sociologia, serviço social e enfermagem. Dez anos depois começam a surgir trabalhos nas áreas de Educação e Educação Física. Em 89 aparecem trabalhos nas áreas de Fonoaudiologia, Comunicações e Direito e, em 94, na área de Administração. Nesses últimos anos o leque se abre ainda mais e encontram-se trabalhos nas áreas de Farmácia, Engenharia de Produção e Linguística Aplicada e História.

**5.TENDÊNCIAS GERAIS DA PESQUISA SOBRE VELHICE QUE PUDERAM SER IDENTIFICADAS**

Embora tenham surgido nos últimos anos grupos de estudo com linhas de pesquisa sistemática, esse fenômeno é muito recente para que se possa identificar, no conjunto, grupos de trabalho que sigam a mesma linha de pesquisa ou que façam parte de um estudo maior. É possível notar, no entanto, agrupamentos de pesquisa que seguem a mesma abordagem embora sejam esforços individuais, sem que façam parte de projetos integrados.

Quanto ao temas abordados foram identificados: aposentadoria (20), institucionalização, idoso no asilo (17), mulheres, identidade feminina (13) corpo, imagem corporal (8), cuidado, cuidador (8), idoso hospitalizado (9); demência, Alzheimer (6); memórias, reminiscência (6); relacionamentos (7, sendo: avós-netos 4, casal 2, social 1); cognição, memória (5), luto, morte, viúves (4); stress (4); atitudes (3); psicoterapia, psicanálise (3); construção e validação de instrumentos (4).

Para verificar se está havendo mudança quanto aos temas abordados, comparamos os trabalhos realizados de 75 a 89 e de 90 a 99. Nota-se que alguns temas que estão sendo estudados desde 75 continuam interessando os pesquisadores, como o idoso institucionalizado, aposentados e aposentadoria, mulheres e identidade feminina, o idoso hospitalizado, memórias e reminiscências, corpo e imagem corporal, atitudes em relação à velhice, morte, luto e viúves, relacionamentos familiares e sociais. Entre os temas que surgiram de 1990 para cá destacam-se: relação cuidado e cuidador, demências em geral e Alzheimer, cognição e memória, stress, opções de lazer, desejos e preferências de consumidores idosos, metas e sentido de vida. Encontram-se também trabalhos que tratam da assistência farmacêutica ao idoso, do idoso dentro de uma empresa, que fazem considerações sobre ergonomia e terceira idade, e que se preocupam com o ensino de línguas estrangeiras para idosos. Isso parece demonstrar o início de uma abertura na visão de velho até há pouco predominante. A noção de que a velhice é uma experiência heterogênea parece estar se divulgando.

Não foram encontrados trabalhos experimentais; as pesquisas são todas de natureza descritiva, na maioria estudos de caso, analisando situações generalizadas ou particulares, trabalhos de avaliação, planejamento ou proposta de intervenção, estudos

clínicos e alguns trabalhos comparativos, sendo mais comum a comparação entre grupos de diferentes faixas etárias, mas encontra-se também a comparação entre idosos asilados e não asilados, antes e depois da aposentadoria, entre auto-avaliação versus avaliação médica. Há trabalhos envolvendo análise de documentos como textos de livros infantis, de revistas, jornais, ou o uso de fotos e redações como material deflagrador de depoimentos orais. Não foram encontrados pesquisas longitudinais e nem seguimentos de trabalhos realizados anteriormente.

## **6. RESUMO DOS RESULTADOS**

Verificou-se que houve acentuado crescimento na produção científica sobre velhice, especialmente a partir de 1990, o que coincide com a grande expansão das universidades de terceira idade e também com a formação de grupos de pesquisa.

Nota-se também que o interesse pelo assunto passa a abranger diferentes domínios disciplinares, revelando diferentes faces da velhice. Concomitante a isso verifica-se uma expansão nos temas abordados e talvez uma sutil mudança de direção.

Outro dado interessante é a participação de diversas instituições de ensino do País no esforço de aumentar o conhecimento da área, embora não se tenha ainda disciplinas que enfoquem o envelhecimento nos cursos de graduação e sejam raros os cursos de pós graduação.

## **7. CONCLUSÕES**

Esse trabalho é uma tentativa de identificação das tendências da pesquisa gerontológica no Brasil. Verifica-se que aos poucos a pesquisa sobre velhice vai abrangendo várias áreas do conhecimento e diferentes campos de interesse. Existe uma conscientização, cada vez mais generalizada, do fato e das consequências do envelhecimento populacional e isso acaba afetando diferentes segmentos da sociedade de diferentes maneiras:

1. Os meios de comunicação de massa, divulgando as deficiências dos sistemas públicos de previdência e de saúde faz com que grande parte da sociedade, antevendo para si própria um futuro de dificuldades, passe a reivindicar investimentos sociais nessa área. Verifica-se a emergência, cada vez mais comum, de grupos de idosos e adultos mais politizados e por isso mais dispostos a lutarem por seu direito à cidadania.
2. A divulgação de informações sobre as possibilidades de envelhecer com saúde e de mascarar os efeitos do envelhecimento, aumenta o potencial de consumo de bens e serviços nas áreas de saúde física e do bem estar psicológico, especialmente para a classe média.
3. A pressão que os meios de comunicação de massa e a propaganda exercem no sentido de criar hábitos de consumo identificados e valorizados como "jovens", criam aspirações de engajamento e de continuidade de atividade, como forma de manter o status de adulto-não-idoso e de evitar a velhice.
4. Como resultado dos esforços pioneiros do SESC e mais recentemente das Universidades da Terceira Idade, criam-se oportunidades para discussão mais ampla sobre velhice no País, e também um espaço educacional privilegiado para os cidadãos, inclusive os pesquisadores.

Embora não fosse parte dos objetivos desse trabalho, acabou sendo feita também uma verificação da facilidade e rapidez de acesso à informação científica do Brasil. Nota-se que o sistema de rastreamento da informação é extremamente carente. Não existe ainda o reconhecimento da palavra gerontologia seja como área de conhecimento seja como assunto. Não existe também uma unificação das palavras chave usadas na área, assim como não existe um local específico que abrigue sua produção. O aumento da produção científica na gerontologia mais que justifica a adoção de medidas para agilizar sua divulgação em uma velocidade compatível com os meios que já dispomos. Para a construção do conhecimento científico não basta incentivar a produção. É imprescindível torná-la rapidamente acessível a todos os pesquisadores.



## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALTES, P.B. Envelhecimento cognitivo: potencialidades e limites. **Gerontologia**, v.2, n.1, p.23-44, 1994.

BIRREN, J.E , BIRREN, B.A.. The concepts, models and history of the psychology of aging. In: BIRREN, J.E., SCHAIE, K.W. (Org.). **Handbook of psychology of aging**. San Diego : Academic Press, 1990.

BIRREN, J.E. A brief history of psychology of aging. **Gerontologist**, v.1, p.69-77, 1987.

MADDOX, G.L. **The encyclopedia of aging**. New York : Springer, 1987.

NERI, A. L. Psicologia do envelhecimento : uma área emergente. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Psicologia do envelhecimento**. Campinas, SP : Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. A pesquisa em gerontologia no Brasil : análise de conteúdos de amostra de pesquisa no período de 1975-1996. **Texto e Contexto**, Florianópolis, v.6, n.2, p.69-105, 1997.

WITTER, G.P. (Org.). **Produção científica**. Campinas, SP : Editora Átomo, 1998.

**LUCILA L. GOLDSTEIN**

Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação

E-mail: [lucila@bestway.com.br](mailto:lucila@bestway.com.br)